

Das doutrinas clássicas mundiais ao neopatrimonialismo

É uma pequena viagem pela história do pensamento contabilístico. De Villa a Masi, passando por Besta e Zappa, eis algumas das ideias que influenciaram decisivamente a forma como olhamos a Contabilidade.

Por **Rodrigo António Chaves da Silva***

A doutrina é teoria voltada para o ensino e a cultura de determinada ciência. É, portanto, um conjunto de conhecimentos com focos específicos em uma determinada disciplina.

Na contabilidade tivemos inúmeras doutrinas, cada qual voltada para a tal ciência da empresa.

No entanto, a ciência da empresa, ou da riqueza particular, teve diversos focos, cada um enfatizando um aspecto, ou relacionado com a essência ou, então, com a forma de se mascarar o verdadeiro objecto da contabilidade.

Como a prática de revelar o património, ou ter levantamento de informações, foi considerada por muito tempo como «toda a contabilidade», ou até a sua principal função, pensava-se que ela era a ciência da conta, da relevação, das demonstrações,

da contabilização, ou, em resumo, das informações empresariais.

Logicamente, como estava voltada para a prática, sem uma teoria consistente da ideia, foi definida por diversos estudiosos como uma sub-doutrina, devido à carência dos quesitos fundamentais para a sua mesma caracterização.

Foi no século XIX que o crescimento das doutrinas científicas teve o início.

A Itália foi o maior palco das doutrinas, sendo que das classificadas na história, a maior parte surgiu no berço italiano, o mesmo que ofereceu inúmeras obras de desenvolvimento na Contabilidade.

A primeira tendência doutrinária com dose científica surgiu em Itália com Francesco Villa (1840). Este professor fez da Escola Lombarda palco de reuniões e discussões sobre a conta-

bilidade. Para Villa, estudava-se a substância da conta, ou a sua matéria e não a sua ficção (pessoas), uma vez que este era legado do contismo.

Um dos seus influentes discípulos e sucessor na cadeira pública, foi Giuseppe Cerboni (1886) que fizera a sua tese jurídica na contabilidade, dizendo que os direitos e obrigações seriam os principais objectos da contabilidade; que as pessoas, tanto as relações de deveres, são impregnadas a ponto de serem mais importantes para nossa ciência. Logicamente, em relação a Villa houve um retorno ao passado na teoria contista-personalista. Todavia, com mais cultura e amplitude de verificação.

No Congresso Italiano do final do século XIX, o professor da cadeira de Veneza, Fabio Besta discordava completamente da visão jurídica, considerando-a alheia às relações de utilidade, pois o

que interessa à contabilidade seria a gestão ou o controle, tendo colocado neste último o objeto da contabilidade.

Dois discípulos de Besta, Masi e Zappa, fizeram doutrinas próprias sobre a contabilidade, não somente pela influência de Besta, mas pela condição de sua teoria.

Zappa queria aprofundar a contabilidade a um nível que ela não tinha na época – tida apenas como levantamento das informações e sabendo que os fenômenos empresariais deveriam ser mais amplos. Utilizando os conceitos económicos, criou uma economia aziendale, ou economia da organização empresarial, ou da empresa, para abordar todos os fenômenos dessa célula económica. Esta teria o lugar da contabilidade, que seria apenas levantamento.

O nível de Zappa era muito alto, apesar de o mestre não abordar completamente todos os aspectos que seriam demasiado elevados até para um pesquisador, em toda a sua vida, esgotar o assunto (querer criar uma superciência). Em resumo, o mestre, pensando que a nossa ciência estivesse no levantamento, criou a economia das empresas.

Naquela ocasião Masi não concordou com a economia aziendale de Zappa, não que esta não pudesse ser realizada, mas pelos critérios escolhidos. Inicialmente, a falta de fundamentação histórica, pois, a economia aziendale surgira com um discurso de Zappa, e não com fundamentos históricos comprovados e salientados. Depois, pela questão de amplitude dessa «nova ciência» que não poderia abordar totalmente os «fenôme-

nos da empresa» a não ser que fosse um «sistema de conhecimento», e não uma «ciência». E pela sua estrutura, que não era própria, mas de outros ramos do saber. Logo, também devido à sua colocação que a contabilidade seria apenas «levantamento» e «informação». O que seria muita pouca pretensão para a nossa profissão e sabedoria superior.

Masi não podia aceitar tal teoria. Imaginando a essência, e o que seriam instrumentos de

A doutrina de Masi chamou-se «patrimonialismo», porque desde o início foi a riqueza administrada que moveu as contas, o controle, a relação jurídica e até uma dita economia da empresa.

contabilidade, descobrira que até as contas e informações não eram a suma finalidade da nossa ciência, mas que ela os teria como instrumentos. Portanto, revolução existiu na contabilidade.

E passando a defender outra corrente de pensamento, quis proclamar a contabilidade como ciência autónoma, desprovida de submissão de outros ramos do saber, e da chamada «economia da empresa» (que lhe tivera assumido o posto como Zappa havia mencionado).

A doutrina de Masi chamou-se «patrimonialismo», porque desde o início foi a riqueza administrada que moveu as contas, o controle, a relação jurídica e até uma dita economia da empresa.

Portanto, Masi levantou a sua teoria não apenas para contradizer as demais que tentavam destruir o nome e a qualidade da contabilidade, mas também porque lhe fora uma descoberta incrível. Tão lógica que até àquele momento ninguém conseguiu contradizer o ponto-de-vista masiano, apenas melhorá-lo com outras posições.

Para a lógica de Masi, e também para uma conexão geral de raciocínio de quem analisa o patrimonialismo, fica claro que a contabilidade estuda não a conta em si, mas o que ela representa; os direitos e obrigações são, pois, insuficientes para toda uma ciência patrimonial; e que o controle e gestão estariam a serviço da contabilidade e esta ao serviço do património. Portanto, não poderíamos dizer que o objecto da contabilidade seria a gestão, nem o controle, porque estes também servem a um objecto maior que é o património. Verdade é que várias são as finalidades da nossa disciplina: informar, gerir, analisar, explicar, modelar. Todavia, estão todas voltadas para o comportamento do fenómeno patrimonial, e este para a prosperidade do capital que socorre as necessidades humanas. ✂

(ARTIGO RECEBIDO EM JANEIRO DE 2010)

*Contador
Membro da Escola do
Neopatrimonialismo